

“Entrei confiante, paguei e saí cega”

Vítima de infecção hoje precisa de ajuda para andar na rua

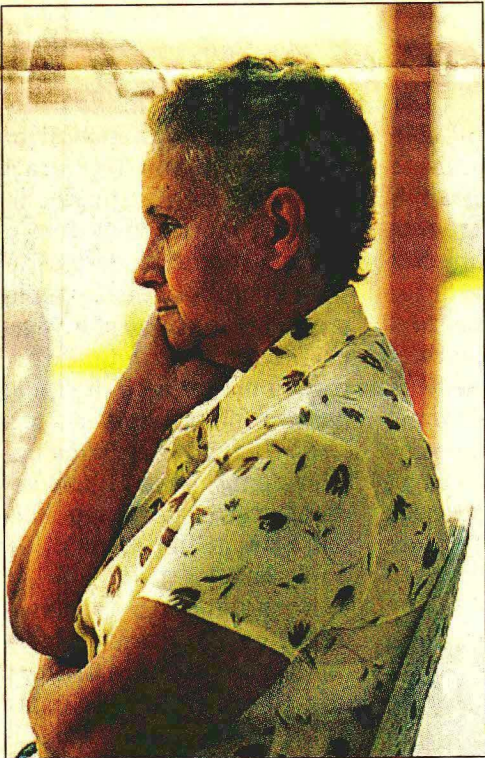
Evandro Teixeira

Leontina Viana Lopes era, aos 64 anos, o que se pode chamar de uma mulher moderna. Morava sozinha em Irajá depois de se desquitara e, sem querer precisar da ajuda financeira dos filhos ou de pensão do ex-marido, decidiu trabalhar como passadeira. Como diarista, conquistava a cada mês os R\$ 100 que garantiam sua independência. Com a visão dos dois olhos prejudicada pela catarata – opacidade da lente natural do olho – ela fez pesquisa de preços em clínicas do Rio e diversos exames para garantir uma operação sem complicações e desembolsou R\$ 800 para a cirurgia em que trocava o cristalino opaco por uma lente. Por uma série de falhas de fabricação, distribuição, compra e fiscalização de um medicamento, Leontina perdeu um olho e muito de sua liberdade.

– Deu problema no olho esquerdo. Agora, eu teria que operar o direito. A 10 metros, eu não diferencio meus filhos. Não atravesso a rua sozinha, dependendo dos meus netos. Piso na escada com medo de cair. Está sendo muito difícil para mim, uma barra. Fiquei quase três meses sem poder sair na rua, porque ficou muito feio. Paguei, fiz exames, não sou diabética nem hipertensa. Entrei confiante e saí cega. É muito triste, uma barra – conta, sem conseguir conter o choro.

A cirurgia de catarata foi realizada no dia 4 de fevereiro na Santa Casa de Misericórdia do Rio, que utilizou a metilcelulose contaminada com a bactéria *Enterobacter cloacae*. O olho de Leontina foi infectado e ela perdeu a visão, precisando colocar uma prótese.

– Mudou tudo na minha vida, porque não estou podendo trabalhar. Minha outra visão está a 50%, muito turva. Estou muito chateada, muito triste, levando na



“Está difícil. Meu travesseiro é que sabe, ele conhece meu mau-humor, minhas lágrimas”

LEONTINA LOPES

medida do possível. Minha vida virou de perna para o ar. Sempre gostei de trabalhar, de ter minha independência, até porque meus filhos são todos casados. Hoje, estou na casa da minha filha, sem poder nem pagar minhas contas. É muito difícil para mim, dolorido. Só de pensar que eu não vou voltar a enxergar...

Leontina entrou na Justiça por danos morais, estéticos e materiais, mas seu objetivo é impedir que outras pessoas passem pelo que ela passou e que seu drama não caia no esquecimento dos órgãos públicos.

– Espero que não vá para o fundo de uma gaveta. Dinheiro nenhum paga minha visão, mas não quero que aconteça isso com meus filhos, meus netos ou um de vocês. É muito triste a gente ficar calado e essas coisas acontecendo, remédio ma-

tando, outros cegando. Não quero isso para ninguém – diz.

Ela conta que quase entrou em depressão e precisou se apegar à sua fé e ao autocontrole para suportar a dor.

– Se eu fosse um pouco mais nervosa, coitados dos meus filhos. Eu ia sair batendo, mas a culpa não é deles. Sei que vou ter que operar o outro olho mais cedo ou mais tarde. Mas ali (na Santa Casa)

não vou ter coragem. E, se acontecer o mesmo, não vou me perdoar nunca. Queria que aparecesse um oftalmologista que trouxesse minha vista de volta – desabafa.

Mãe de dois filhos e uma filha – todos casados – e avó de quatro “netinhos lindos”, Leontina consegue encontrar forças para se considerar, apesar de tudo, uma pessoa de sorte:

– Meus netos me ajudam quando preciso sair, me levam à igreja. Tenho filhos maravilhosos, duas noras e um genro que eu vou te contar. Mas eu fui uma boa mãe também, eu plantei – fala, com alegria, mas sem esquecer a tristeza de um sonho que se transformou em pesadelo:

– Levo as coisas na brincadeira, mas está difícil. Meu travesseiro é que sabe. Converso com ele. Ele conhece meu mau-humor, minhas lágrimas.

■ **HOSPITAL NEGOU RECIBO PARA CIRURGIA, QUE CUSTOU R\$ 800. PÁGINA C2**

■ **COMPUTADORES DO LABORATÓRIO ENILA SERÃO PERICIAADOS PELA POLÍCIA. PÁGINA C2**